

## LER, FALAR E ESCUTAR: CONVERSAS SOBRE LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS

Talula Trindade<sup>1</sup>

Sandra Regina Simonis Richter<sup>2</sup>

**Resumo:** Para resistir à simplificação escolar no encontro com a literatura como ato instrumental de decodificação, decorrente da concepção de linguagem como representação prévia do mundo, destacamos a complexidade das ações de ler, falar e escutar como condições do diálogo. A interlocução com a filosofia sustenta que o sentido emerge quando constitui situação para o leitor, ou seja, em conversação.

**Palavras-chave:** Leitura literária; escolarização; linguagem.

*A linguagem..., a linguagem..., dizia meu avô – disse Renzi -, essa frágil e enlouquecida matéria sem corpo é uma tênue fibra que enlaça as pequenas arestas e os ângulos superficiais da vida solitária dos seres humanos, porque ela os amarra, como não?*

(RICARDO PIGLIA)

A ação educativa, seja na escola ou aquém e além de seus muros, diz respeito ao acontecimento que emerge dos encontros entre crianças e adultos, entre modos de sentir e de pensar em tempos diferentes. Somos e estamos em constante movimento de aprendizagem. Aprendemos diante dos e com outros. Não nascemos falando, não nascemos andando, demoramos muito tempo até ler as primeiras palavras, escrever algumas outras e interpretar um texto. Nossa história se constitui neste emaranhado de aprendizagens, sempre em interação com o outro. O percurso de aprendizagens é o mesmo para todas as crianças, pois todas têm que aprender a falar com outros. Todas aprendem a ler com outros e todas experienciam narrativas no convívio com os outros. Nessa compreensão, ler, falar e escutar são ações vitais intrinsecamente relacionais. Requerem convívio, solicitam acolhida, disponibilidade. Pressupõem o encontro e a interlocução: um fala e o outro escuta, um lê e o outro imagina.

Ler, falar e escutar dizem respeito à experiência estética de *se-sentir-sentir* (NANCY, 2007, p. 22-23), a qual configura um estado diferenciado de atenção, uma atenção para a inteligibilidade das coisas pela íntima relação entre corpo sensível e experiência do mundo que a “a cada instante se faz em nós” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 440). O sentir (*aisthesis*), como elo de integração vital com o mundo que o torna familiar para nós, emerge integrado aos sentidos sensatos (NANCY (2007), não descolado de inteligência ou de saberes que nos tocam, pois perpassam nosso corpo, afetando-nos e permitindo-se afetar. Talvez resida aí a potência de todo e qualquer movimento de aprendizagem: compreender que aprender é sempre um modo de se deixar tocar. Skliar (2014) afirma que educar é *comover*. Educar é sentir e pensar, não apenas nossa existência mas, também, outras formas possíveis de viver e conviver. Tocar, não apenas no sentido palpável. Pensar a educação e, principalmente, pensar na leitura literária na escola das infâncias, é pensar no lugar do corpo na educação e de que maneira as experiências o atravessam, o tocam.

Ler e leitura, verbo e substantivo, seja na dimensão das ideias seja na dimensão da existência podem ser entendidos no campo da educação escolar de forma simplificada ou complexa, mas

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: [talulatrindade@gmail.com](mailto:talulatrindade@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora do PPG Educação UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: [srichter@unisc.br](mailto:srichter@unisc.br).

nunca sem consequências. Entre ambas, a opção pela complexidade de abordar a relação de inseparabilidade vital entre as ações de ler, falar e escutar nos processos de escolarização das crianças configura um dos desafios educacionais mais difíceis de enfrentar (BÁRCENA, 2012). O desafio da aproximação entre literatura e educação escolar está em enfrentar obstáculos postos pelo esquecimento pedagógico de que as crianças sabem ler, falar e escutar na alteridade de sua singular experiência de começar-se na pluralidade dos modos de conviver.

Todo aprender tem a ver com um encontro, se aprende entre dois, se aprende ao escutar atentamente, se aprende ao olhar cuidadosamente, sem dúvida, a verdadeira aprendizagem não brota do que já se sabe, mas sim do que está por saber. (BÁRCENA; MÈLICH, 2000, p. 181).

Aproximar educação das crianças e leitura literária exige considerar as ações de falar e de escutar como condições do diálogo e da conversação. Afetos linguageiros, memórias de escuta que nos constituem e contribuem para nos tornarmos os leitores que somos. Ler é sempre uma experiência afetiva e é também um jogo, uma brincadeira, muitas vezes esquecida nas instituições escolares, pois esquecida na formação pedagógica. O verbo ler vem do latim *legere*, que significa escolher e está intimamente atrelado ao ficcional, ao mimético, ao imaginário. Podemos pensar a leitura das infâncias como uma potência do brincar: a possibilidade de ser-se e imaginar-se. Ler é um convite ao sonho, ao devaneio, é um permitir-se. O livro é um mundo através do qual podemos viajar porque o mundo é um livro que podemos ler (MANGUEL, 2017).

Pensem então na leitura escolarizada, na leitura literária de uma meninice que passa cada vez mais tempo nas instituições escolares, que muitas vezes convive mais com colegas e professores do que com a própria família. Se aprendemos no convívio, na troca, na multiplicidade, no intercâmbio de saberes, observando os que nos cercam, cabe refletir como a escola vem apresentando ou abordando as dimensões do sonho, da imaginação, do ficcional, do devaneio. Como está cuidando dos modos de aprender a realizar escolhas. A integração entre sensível e inteligível ou, mais especificamente, a experiência de linguagem, são comumente encarados como algo menor dentre todas as atividades utilitárias sempre tão consideradas na vida escolar. Não ter um caráter utilitário, aplicável, implica o renegado segundo lugar, o não destaque, a *desimportância*. Porém, as palavras possuem um sentido que vai muito além do que pode ser avaliado ou previamente determinado em seus resultados, pois

o sentido de uma obra literária é menos feito pelo sentido comum das palavras do que contribui para modificá-lo. Há, portanto, tanto naquele que escuta ou lê como naquele que fala e escreve, um pensamento na fala que o intelectualismo não suspeita (MERLEAU PONTY, 2015, p. 244).

O que o intelectualismo não suspeita é a potência da imaginação e tudo o que um livro pode. Na leitura, as imagens, nos inquietam, nos emocionam, nos fazem críticos, nos incomodam, nos afetam e as palavras alcançam outro patamar, tornam-se aladas, levam além. Tornam-se imprevisíveis e tornar imprevisível a palavra não será um aprendizado da liberdade? (BACHELARD, 1972).

O devir leitor, o devir de uma meninice leitora, é unísono, une um corpo que vibra e sente a uma potência imaginativa e criativa que tudo pode. A leitura diz respeito à criança inteira, em toda a sua integridade, em todas as suas possibilidades, da mesma maneira que em uma palavra estão todas as palavras. Ler é recuperar o mundo como provocação, como desafio e convite à interação sempre ativa e modificadora do corpo capaz de afrontar a resistência num corpo-a-corpo com as palavras sempre dinâmico e transformador.

É o mesmo que dizer que a substância é dotada do ato de nos tocar. Ela nos toca assim como a tocamos, dura ou suavemente. (...) é o ser humano que desperta a matéria, é o contato dotado de todos os sonhos do tato imaginante que dá vida às qualidades que estão adormecidas nas coisas". (BACHELARD;1991, p. 20-1)

Talvez o verdadeiro lugar da leitura literária das infâncias devesse ser menos o dos questionários e atividades didáticas e mais o do diálogo, da empatia, da alteridade, do encontro com o outro. Gadamer (2000) afirma que educação é conversação e o leitor, tal qual alguém que acaba de despertar de um sonho, quer conversar, quer dividir suas descobertas, partilhar suas angústias e buscar em outrem respostas para as suas dúvidas.

Um leitor é um pesquisador, um decifrador e também alguém que compreende que as coisas da vida são muito maiores e mais complexas do que nossos olhos podem enxergar. Um leitor é aquele que percebe o mundo em todas as suas grandezas e minúcias. Em tempos tão duros e tão desesperançosos, quando a memória se perde e a história é apagada, a leitura nos dá uma ideia de pertencimento, ela resgata a nossa memória e nos torna críticos e reflexivos. Ela nos mostra que não estamos sozinhos, ela nos devolve o sonho e afirma a importância do sensível. Mas, acima de qualquer coisa, a leitura, esta que comumente é vinculada à solidão, nos lembra de quem nós somos e de tudo o que podemos. Nos lembra dos outros, da importância dos outros, para ser e estar conosco vida afora. A leitura é um trânsito, uma trajetória que se mostra no próprio percurso. A leitura é uma dança, uma coreografia, que exige do nosso corpo e da nossa alma, no vai e vem das páginas de um livro.

## Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BÁRCENA, Fernando. *El alma del lector – la educación como gesto literário*. Bogotá: Babel Livros, 2012.

BÁRCENA, Fernando; MÈLICH, Joan-Carles. *La educación como acontecimiento ético: natalidad, narración y hospitalidad*. Barcelona: Paidós, 2000.

GADAMER, Hans Georg. *La educación es educarse*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.

MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora*. O viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições SESC, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NANCY, Jean-Luc. *A la escucha*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. Colección Nómadas.

PIGLIA, Ricardo. *Anos de formação: os diários de Emílio Renzi*. São Paulo: Todavia, 2017.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: educar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.